

**Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)**



**Produção,  
Comunicação  
e Representação  
do Conhecimento  
e da Informação**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

**Marcelo Pereira da Silva  
(Organizador)**



**Produção,  
Comunicação  
e Representação  
do Conhecimento  
e da Informação**

**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964    Produção, comunicação e representação do conhecimento e da informação [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-81740-14-6  
 DOI 10.22533/at.ed.146201302

1. Comunicação social. 2. Computadores e civilização.  
 3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da.

CDD 303.483

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Esta obra joga luz sobre questões cruciais para a composição e consolidação dos estudos da comunicação, da representação do conhecimento e da informação, perfilando por plurifacetados universos da memória cultural, cultura informacional, mediação, sociedade de consumidores, ontologia da linguagem, design thinking, organizações, transformação social, mobilização, big data, Fake News, teoria da complexidade, etc.

A comunicação, insistimos, corresponde a processos humanos que devem ser permeados pelo diálogo, pela colaboração, pela cocriação, pelo respeito, pela afeição e pela coabitação; por outro lado, possui uma vertente técnica e tecnológica cuja necessidade é primordial para o funcionamento e a dinamização das sociedades, das relações, das conexões e da cotidianidade social em um mundo mediatizado no qual as dimensões humanas e tecnológicas provocam o nascedouro de pesquisas e estudos acerca das possibilidades, dos desafios, das oportunidades e dos efeitos colaterais de um tempo em que realidade on-line e off-line, muitas vezes, se confunde. Aos pesquisadores cabe a responsabilidade de responder por meio da investigação teórica e aplicada, aos problemas, dilemas e carências sociais ligados à comunicação, conhecimento e informação.

Nesse sentido, o e-book “Produção, Comunicação e Representação do Conhecimento e da Informação” enleia-se à urgência de se situarem esses campos num contexto social, econômico, político, cultural e ideológico que nos convida a (re) pensar as condições de produção e circulação de informações, o papel ambivalente das redes sociais virtuais, as imbricações das ciências da informação com outras áreas do saber, as atitudes, necessidades, os discursos e os comportamentos do sujeito contemporâneo, considerando a multidisciplinaridade/Interdisciplinaridade/transdisciplinaridade da Comunicação social.

É muito relevante para a pesquisa em comunicação, informação e áreas afins se aventarem hipóteses, se criarem objetivos e se estudarem as configurações da sociedade, reconhecendo a urgência da comunicação no oceano de informações/conteúdos propiciados pelos efeitos da mediatização pós-moderna. Autores de importantes instituições públicas e privadas de ensino e pesquisa do Brasil apresentam eficientes investigações por meio de arcabouços teórico, metodológico, empírico, analítico e reflexivo que estruturam e cimentam a temática central deste e-book.

Marcelo Pereira da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CULTURA PARTICIPATIVA E A AÇÃO DOS FÃS NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL ATRAVÉS DA INTERNET	
Márcio Renan Correa Rabelo Lilian Cristina Monteiro França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
A CULTURA INFORMACIONAL COMO BASE PARA A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL	
Sara Barbosa Gazzola Luana Maia Woida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
MEDIAÇÃO CULTURAL: PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL	
Alessandro Rasteli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
BENEFÍCIOS DO DESIGN THINKING NA FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS INOVADORES	
Isaac Brito Roque David Vernon Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E REDES SOCIAIS: UM ESTUDO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Anthone Mateus Magalhães Afonso Sérgio Inácio Da Rosa Wania Regina Coutinho Gonzalez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
MEMÓRIA SOBRE A MOBILIZAÇÃO DA REDE SOCIAL NA COMUNIDADE DE TRÊS CARNEIROS – PERIFERIA DO RECIFE	
Wilson Nauricio Miranda de Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
UM OLHAR ENTRE BIG DATA E TEORIA DA COMPLEXIDADE: ESTUDOS HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS	
Mariana Rodrigues Gomes de Mello Marta Lígia Pomim Valentim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013027</b>	

<b>CAPÍTULO 8 .....</b>	<b>96</b>
IMPACTO DA ONTOLOGIA DA LINGUAGEM NA GERAÇÃO DE PENSAMENTO CRÍTICO A RESPEITO DO PAPEL DOS PROFISSIONAIS E DOS USUÁRIOS DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Ana Cristina Carneiro dos Santos Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013028</b>	
<b>CAPÍTULO 9 .....</b>	<b>110</b>
FERRAMENTAS DE GESTÃO DO CONHECIMENTO APLICADAS EM ORGANIZAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: UM ESTUDO EM ÓRGÃOS PÚBLICOS DE JOÃO PESSOA	
Jacqueline Echeverría Barrancos Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1462013029</b>	
<b>CAPÍTULO 10 .....</b>	<b>122</b>
DISCURSO CIRCULANTE E MERCANTILIZAÇÃO DA FELICIDADE: COMUNICADOR E TRABALHO EM UM MUNDO DE CONSUMIDORES	
Ana Maria Dantas de Maio Marcelo Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14620130210</b>	
<b>CAPÍTULO 11 .....</b>	<b>139</b>
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS FAKE NEWS NO ÂMBITO DA SAÚDE	
Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto Ademir Hilário de Souza Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães José Fernandes Vilas Netto Tiradentes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14620130211</b>	
<b>CAPÍTULO 12 .....</b>	<b>146</b>
FINANCIAMENTO COLETIVO ONLINE PARA POTENCIALIZAR AS LEIS DE INCENTIVO FISCAL: UM MODELO DE CULTURA PARTICIPATIVA	
Larissa Gaspar Coelho Pinto Maria José Baldessar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14620130212</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>161</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>162</b>



## IMPACTO DA ONTOLOGIA DA LINGUAGEM NA GERAÇÃO DE PENSAMENTO CRÍTICO A RESPEITO DO PAPEL DOS PROFISSIONAIS E DOS USUÁRIOS DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO

*Data de aceite: 27/01/2020*

*Data de submissão: 02/11/2019*

### **Ana Cristina Carneiro dos Santos**

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência  
da Informação  
Brasília - DF

<http://lattes.cnpq.br/0984711208258966>

### **Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares**

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência  
da Informação  
Brasília - DF

<http://lattes.cnpq.br/5541636086123721>

**RESUMO:** A Ciência da Informação é um campo científico que se encontra ainda em construção conceitual, assim, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da área, este artigo tem como objetivo identificar pontos de contato entre a Ontologia da Linguagem e a Ciência da Informação e propor uma análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi de caráter exploratório, descritiva, de natureza qualitativa e recorreu ao levantamento bibliográfico. A identificação de pontos de contato entre as duas áreas de estudo possibilitou a percepção de que, tanto

para a Ontologia da Linguagem quanto para a Ciência da Informação, interessa a ampliação do entendimento do que se passa por traz do modo de agir das pessoas. A análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários contribuiu para situar a importância das conversas e suas consequências nas redes de compromissos que permeiam as unidades de informação. A pesquisa fornece insumos para o questionamento do papel dos profissionais e dos usuários como agentes ativos no processo informacional. Também fornece insumos para o desenvolvimento de alternativas de intervenção profissional nas unidades de informação, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da Ciência da Informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia da Linguagem; Ontologia da Linguagem; Ciência da Informação.

### IMPACT OF ONTOLOGY OF LANGUAGE ON THE GENERATION OF CRITICAL THINKING ABOUT THE ROLE OF PROFESSIONALS AND USERS OF INFORMATION UNITS

**ABSTRACT:** Information Science is a scientific field that is still under conceptual construction. Considering the current trends and future perspectives of the area, this article aims to

identify points of contact between Ontology of Language and Information Science and propose a analysis of the impact of Ontology of Language in the generation of critical thinking about the role of professionals and users of information units. The methodology used in this research was exploratory, descriptive, qualitative in nature and resorted to bibliographic survey. The identification of points of contact between the two areas of study allowed the perception that, for both Ontology of Language and Information Science, it is important to broaden the understanding of what is going on behind the way people act. The analysis of the impact of Ontology of Language in the generation of critical thinking about the role of professionals and users contributed to situate the importance of conversations and their consequences in the commitment networks that permeate the information units. The research provides inputs for questioning the role of professionals and users as active agents in the informational process. It also provides inputs for the development of professional intervention alternatives in information units, considering current trends and future perspectives of Information Science.

**KEYWORDS:** Philosophy of Language; Ontology of Language; Information Science.

## 1 | INTRODUÇÃO

Observando os desafios contemporâneos da Ciência da Informação, o artigo traz os princípios básicos da Ontologia da Linguagem, expressão cunhada por Rafael Echeverría (2003) para oferecer uma nova concepção integradora do fenômeno humano, e suas intersecções com a Ciência da Informação, considerada a partir das perspectivas física, cognitiva e social de Rafael Capurro (2003). Nessa área de interações, propõe a análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. Esta análise visa fornecer insumos para o desenvolvimento de alternativas de intervenção profissional nas unidades de informação, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da Ciência da Informação.

## 2 | METODOLOGIA

A pesquisa pode ser classificada como qualitativa, visto que há a necessidade de se entender o que está por trás do fenômeno estudado, isto é, as diferenças entre a compreensão descritiva e a compreensão generativa da linguagem para a Ciência da Informação. Com base em seus objetivos, também pode ser classificada como exploratória, pois pretende investigar e aprimorar ideias sobre um assunto que requer uma investigação na literatura sobre a Ciência da Informação que nos dessem condições para refletir sobre os aspectos epistemológicos da área e os postulados e princípios básicos da Ontologia da Linguagem. Também é uma pesquisa descritiva, pois pretende levantar e descrever características do fenômeno

investigado à luz da literatura. Em relação aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, por usar como fonte de consulta, materiais já publicados: livros, artigos científicos, anais de congressos, teses e dissertações relativas aos temas investigados.

### 3 I DA ANTIGUIDADE À CONTEMPORANEIDADE

“Sendo conhecimento, informação e comunicação conceitos indissociáveis (para nós, cientistas e profissionais da Ciência da Informação), é surpreendente observar a baixíssima frequência com que os filósofos da modernidade e da pós-modernidade utilizam os termos informação e comunicação na formulação de suas reflexões.” “... a filosofia pôde e continua a poder especular sobre o conhecimento (suas origens, seus tipos, sua confiabilidade em relação a uma “realidade” objetiva, seu conteúdo de verdade, etc.)” (ROBREDO, 2007, p. 59-61)

Antes da invenção do alfabeto, os seres humanos viviam no que chamamos de “linguagem de tornar-se”. A linguagem e a ação estavam intimamente ligadas e os poetas ensinavam por meio de narrativas das ações. A invenção do alfabeto originou mudanças fundamentais na sociedade. Nossas noções de educação, sabedoria e convivência social foram profundamente transformadas. A democracia foi inventada. Mas o mais importante e invisível foi a transformação de nossas categorias “mentais”, na forma como os seres humanos pensam sobre si mesmos e sobre o mundo (ECHEVERRÍA, 2003).

Entretanto, tudo isso só foi possível porque os homens, diferentemente dos animais, são capazes de manipular símbolos complexos. Essa capacidade de abstração e memória possibilitou aos seres humanos darem verdadeiros saltos evolutivos. Esse crescimento exponencial permitiu nos últimos séculos uma geração de conhecimento maior que em centenas de milhares de anos. Os seres humanos tornaram-se independentes de suas limitações biológicas.

De acordo com Levy (2014), cada vez que aumentamos a capacidade humana de manipulação de símbolos tem-se uma transformação na civilização. Trazendo para os dias atuais, nossas capacidades narrativas permitem-nos produzir e receber os modelos espaço-temporais complexos dos fenômenos, as narrativas nas quais os autores (indivíduos gramaticais) provocam diversas transformações (verbos) em objetos de um complexo entrecruzamento de sequências causais e de citações em cascata.

A seguir, na Figura 1, apresentamos uma síntese do percurso histórico do sistema de comunicação humano e alguns pontos de contato com o processo de representação, armazenamento e recuperação da informação ao longo dos anos.

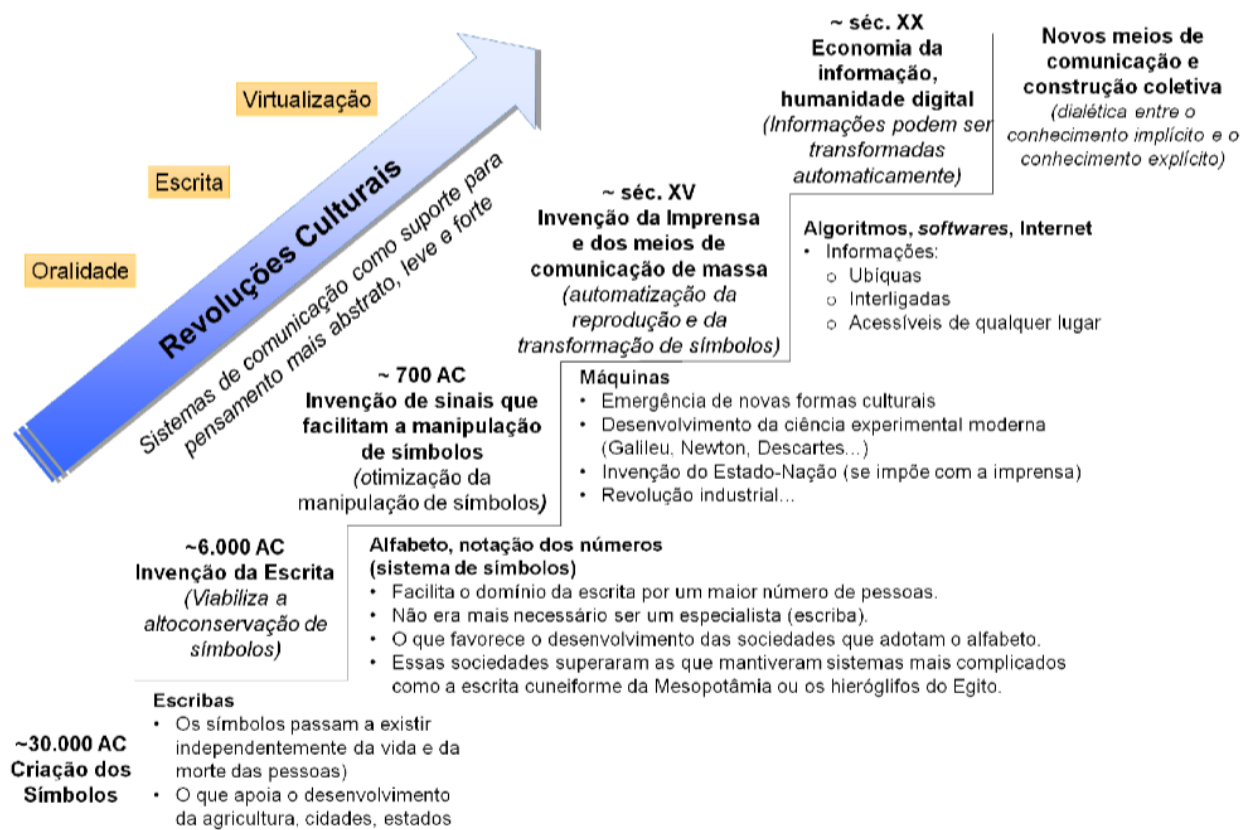


Figura 1: História dos sistemas de comunicação humano

Fonte: elaboração própria

De forma paralela, ao realizar um mapeamento resumido da trajetória filosófica ocidental desde a antiguidade até a contemporaneidade, destacamos quatro momentos. O primeiro, em Aristóteles, quando somos considerados “animais políticos” porque temos a linguagem. Porém, a linguagem entendida como capaz de traduzir a verdade e o conceito a respeito das coisas. O segundo momento, diz respeito à idade média, quando a reflexão sobre a lógica questiona porque as coisas têm os nomes que têm. Nos debates conhecidos como a “querela dos universais” uma das questões era “os nomes das coisas estão nas próprias coisas ou são apenas convenções criadas pelos homens?”. No terceiro momento, no período moderno, a lógica é absorvida pelas questões matemáticas. A lógica formal é usada para diminuir os erros de questões relacionadas à matemática. O quarto momento refere-se ao período contemporâneo, quando na virada da linguagem surgem reflexões tais como: o que é a linguagem? Quais são as possibilidades da linguagem? Crescem as discussões sobre o processo de interpretação daquilo que é dito. Surge a Filosofia da Linguagem, ramo da filosofia que estuda filosoficamente a linguagem.

Da Filosofia da Linguagem surge a Ontologia da Linguagem que ao referir-se à compreensão do significado do que é ser humano apresenta os postulados e princípios básicos descritos a seguir.

## 4 | ONTOLOGIA DA LINGUAGEM: POSTULADOS E PRINCÍPIOS

O final do século XIX busca o desenvolvimento e o entendimento da linguagem a partir de uma reflexão filosófica sobre ela e, assim, contribui para uma nova concepção sobre o que é ser humano. Tal como demonstrado na Figura 2, a “virada linguística” coloca a linguagem em um lugar que jamais havia sido colocada antes, oferecendo um conjunto de interpretações que promovem a transformação de uma compreensão descritiva para uma compreensão generativa da linguagem, mudando por completo a forma como a entendíamos anteriormente.



Figura 2: Virada linguística

Fonte: elaboração própria

Nesse cenário de mudança, a Ontologia da Linguagem representa um esforço para oferecer uma nova interpretação do que significa ser humano, uma interpretação que afirma estar fora dos parâmetros do programa metafísico que há muito serviu de base para como observamos a vida. Nessa perspectiva, o social, para o ser humano, é constituído em linguagem. Todo fenômeno social é sempre um fenômeno linguístico ECHEVERRÍA (2003). A seguir, os postulados e princípios básicos formulados por Rafael Echeverría (2003) no seu livro “Ontologia da Linguagem”.

Postulados básicos:

1. A interpretação dos seres humanos como seres linguísticos.
  - A linguagem é, acima de tudo, o que faz dos seres humanos o tipo particular de seres que são.
  - Na linguagem damos sentido à nossa existência e é também da linguagem que podemos reconhecer a importância dos domínios não linguísticos.
2. A interpretação da linguagem como criadora/gerativa.
  - Através da linguagem não só falamos sobre as coisas, mas também alteramos o curso espontâneo dos acontecimentos: fazemos as coisas acontecerem.

- Se linguagem é ação, linguagem cria realidades. Ao dizer o que dizemos, ao dizer isso de um jeito e não outro, ou não falamos nada, abrimos ou encerramos possibilidades para nós mesmos e, muitas vezes, para outro.
- Quando falamos, modelamos o futuro, o nosso e o que ouvimos ou não ouvimos dos outros, a nossa realidade futura é moldada de uma forma ou de outra.

3. O entendimento de que os seres humanos se desenvolvem na linguagem e por meio dela.

- A vida é o espaço em que os indivíduos se inventam.
- *“Como nos dice Nietzsche, en el ser humano la creatura y el creador se unen”* (ECHEVERRÍA, 2003, p. 23).
- Sujeito ao condicionamento biológico, natural, histórico e social, os indivíduos nascem com a possibilidade de participar ativamente do design de seu próprio modo de ser. Esta é a promessa que a Ontologia da Linguagem formula.

Na Ontologia da Linguagem, o termo ontologia refere-se à nossa interpretação do que significa ser humano, à nossa interpretação sobre as dimensões constituintes que todos compartilhamos como seres humanos e que nos dá uma maneira particular de ser.

Princípios gerais:

1. Primeiro princípio (reconhecimento do que é dito):

- Nós não sabemos como são as coisas.
- Só sabemos como os observamos ou como os interpretamos.
- Vivemos em mundos interpretativos.

2. Segundo princípio:

- Não só agimos de acordo com a forma como somos (e fazemos), também somos de acordo com a forma como agimos.
- A ação gera ser.
- Você se torna um de acordo com o que você faz.

3. Terceiro princípio:

- Os indivíduos atuam de acordo com os sistemas sociais a que pertencem.
- Mas, através de suas ações, podem mudar esses sistemas sociais.



## 5 | PERCURSO EPISTEMOLÓGICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A história permite observar mudanças que impactam o enfoque epistemológico dos campos de estudo da Ciência da Informação. Assim como outros autores, Capurro (2003) apresenta o percurso epistemológico da área por meio de três paradigmas – físico, cognitivo e social – que, embora tenham surgido em momentos diferentes, não são excludentes, mas complementares.

No meio do século XX, em um cenário pós-guerra e permeado por competições no âmbito político, militar e informacional, a Ciência da Informação busca estudar as propriedades e comportamentos da informação (BORKO, 1968) e a efetiva comunicação dos registros humanos (SARACEVIC, 1995). Amparada por uma perspectiva física, inspira-se na teoria matemática da comunicação de Shannon e Wever (1949) e trabalha na construção de instrumentos para fazer com que o processo de transporte de mensagens seja mais barato, rápido, eficiente e com menos perda.

No final dos anos 70 e 80 com as reivindicações para a inclusão do conceito de conhecimento à Ciência da Informação, surge a perspectiva cognitiva. Inspirado na filosofia dos três mundos de Popper (mundo 1 - físico, os objetos, as coisas que existem; mundo 2 - ideias, as coisas que pensamos; mundo 3 - mundo 2 transformado em mundo 1, torna acessível o que está na mente), Brookes (1980) propõe a equação fundamental para a Ciência da Informação que tem foco não apenas no processo de produção, mas principalmente, no efeito desse processo naquilo que conhecemos no mundo. Nessa perspectiva, os modelos mentais são transformados durante o processo informacional.

Nos anos seguintes surgem subáreas como gestão, representação e comportamento dos usuários. Consolida-se o modelo cognitivo e a Ciência da Informação caracteriza-se como uma ciência interdisciplinar, pós-moderna e social. Nesse cenário, Gómez (1990) trata do caráter poli-epistemológico da Ciência da Informação que permite a convivência de modelos explicativos distintos dentro da mesma área. Bulckland (1991), coloca que o ser “informativo” é circunstancial e que objetos que ninguém nota não podem ser informação. Para o autor, a Ciência da Informação estuda atos, objetos tangíveis e intangíveis e tem como objetivo criar instrumentos para lidar com o conhecimento humano registrado (desde uma perspectiva cognitivista). Nesse cenário, o modelo cognitivista substitui a perspectiva objetiva por uma perspectiva subjetiva de tratar a informação.

De acordo com Berger e Luckmann (2004, p. 157), “todos os universos socialmente construídos modificam-se e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos”. Assim, a realidade é um produto da sociedade que, por sua vez, é construída pelo próprio homem. Logo, o homem constrói a sociedade e

é também influenciado por ela. No início do século XXI, Robredo (2007, p. 95) reflete sobre o questionamento ao paradigma de Borko (1968) e aponta para correntes que enfatizam “aspectos socioeconômicos e socioculturais dos fluxos e de sua relação com a gênese de novos conhecimentos”. Informar é o processo pelo qual os seres humanos geram documentos e usam documentos existentes e a informação é o “dado interpretado”, só pode ser definida em um cenário específico e depende do observador (CAPURRO, 2003). Emerge, então o modelo sociocultural.

Nos dias atuais, conforme colocado por Araújo (2018), a Ciência da Informação lida, concomitantemente, com os três paradigmas (físico, cognitivo e social) e busca estudar os processos pelo quais os seres humanos produzem documentos, utilizam documentos, geram e acumulam conhecimentos que interferem na construção da realidade. Ao discutir as tendências contemporâneas da Ciência da Informação, o autor chama a atenção para a necessidade de uma Ciência da Informação que estude e atue diante de desafios, tais como:

- Muito acesso à informação, mas alta concentração de conteúdo informacional que privilegia apenas alguns polos informacionais, línguas e povos.
- Acesso à informação não universal.
- Usuários que não necessitam mais de serviços de “balcão”, (tradicionais nas atividades informacionais nas bibliotecas), mas sim de acesso e disponibilidade informacional em rede.
- Diferentes maneiras de estudar a competência da informação (critérios críticos, éticos e técnicos).
- Memória e preservação das informações e dados das redes sociais, de caráter público.
- “Preguiça cognitiva”. Temos acesso à informação, mas não verificamos a veracidade.
- Transparência pública, *accountability*, lei de acesso à informação, cidadania.
- Preocupações e valores da UNESCO, a inclusão, democracia, diversidade, paz, crítica, educação, caráter público e herança cultural.

Vale ressaltar que desde as décadas de 70 e 90, Wersig (1975; 1993) aborda aspectos relacionados a responsabilidade social da Ciência da Informação e sua inserção na pós-modernidade. Para o autor, o desafio da Ciência da Informação não é encontrar um objeto novo de estudo, mas sim estudar de um jeito novo aquilo que tem sido estudado por outras áreas de conhecimento. “Since everything is connected with everything somehow information science would have to develop some kind of conceptual navigation system (which perhaps develops into the postmodern form of theory). This is the difference between the information scientist and the weaving bird:



The latter already has its plans provided by evolution. In our case the next step of evolution in science waits to be done, by whomever” (1993, p. 239).

## 6 | ONTOLOGIA DA LINGUAGEM E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Um olhar atento sobre a trajetória da Ciência da Informação e da Ontologia da Linguagem, ambas nasceram em meados do século XX, permite identificar pontos de contato entre as preocupações epistemológicas dos autores dessas duas áreas. A Figura 3 chama a atenção para alguns desses pontos.

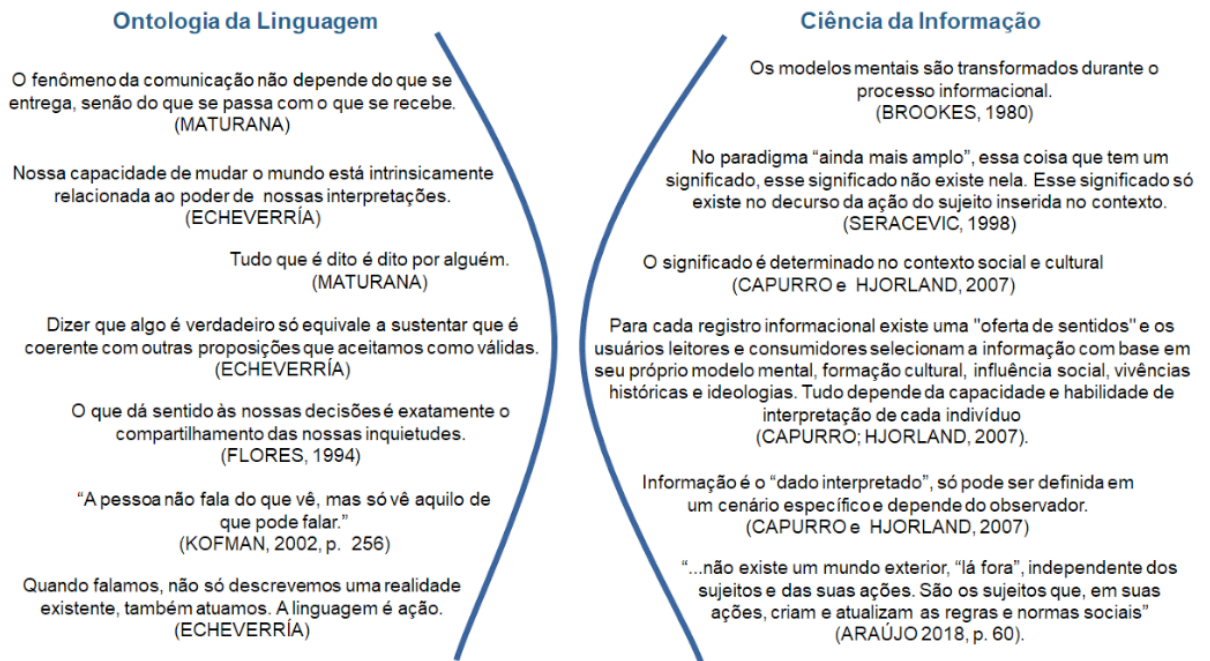


Figura 3: Ontologia da Linguagem e Ciência da Informação

Fonte: elaboração própria

De acordo com Kaye (1995), o ser humano é rico e dá sentido às informações recebidas em relação a uma determinada tarefa, experimentando consequentes emoções, e lidando com os limites da mente e as incertezas e complicações de fontes de informação - tudo dentro um contexto social ou de uma organização particular. Logo, a informação passa por uma construção psicológica e social que depende das circunstâncias.

Nas duas últimas décadas as pesquisas no campo da Ciência da Informação promoveram uma série de mudanças na compreensão dos fenômenos informacionais (ARAÚJO, 2018). O autor agrupa essas mudanças em seis dimensões do conceito de informação.

1. O conhecimento não é apenas um processo de acúmulo e processamento de dados, um somatório, mas algo dialético que envolvendo apropriação e imaginação; diferente da equação inicial da Ciência da Informação, os seres

humanos confrontam conhecimentos novos com o que já sabem, agem sobre o mundo e o mundo age sobre eles.

2. Os sujeitos não são apenas “mentalistas”, absorvendo dados, mas agem e interferem no mundo, em função de distintos interesses e interações; os seres humanos são seres em ação.

3. Processos informacionais não são apenas de busca e recuperação como nos anos 60, são também de produção, disseminação, recusa, uso, interpretação, etc; usuários da informação querem classificar, etiquetar, rotular, recomendar, questionar, refazer, cocriar nesse universo.

4. Informação não é um processo apenas individual, que se passa entre o sujeito e os dados, informação é algo intersubjetivo; o sujeito é sempre constituído por uma cultura.

5. Informação não se passa apenas no interior de um sistema (anos 60), a informação é contingencial, atravessada pelos contextos socio-históricos; a informação é um fenômeno profundamente afetado pela cultura, política, tecnologia, economia etc.

6. Informação não é algo que se transporta, mas um fenômeno constitutivo da cultura, da memória e das identidades. Informação é um processo a partir do qual as identidades, a cultura e a memória se forma.

Essas interpretações encontram pontos de apoio nos postulados e princípios da Ontologia da Linguagem que tem como foco a “ação”. Segundo Echeverría (2003), os seres humanos vivem na história, padecem na história, são afetados pela história. Porém, podem modificar a história.

A Ontologia da Linguagem baseia-se fortemente em conceitos antigos trazidos por Heráclito (século V a.c.), posteriormente recuperados por Nietzsche (século XIX) e trabalhados por diversos autores no período da virada linguística (século XX) que promove uma reflexão sobre os condicionantes da ação humana (sobre quais fatores nos levam a atuar como atuamos). Reconhecer que a realidade está em transformação e reconhecer que os seres humanos não só sentem e sofrem as transformações, mas, sobretudo, participam delas, são alguns dos pilares que norteiam os princípios da Ontologia da Linguagem.

Ao assumir que vivemos em mundos interpretativos, que agimos de acordo com o que somos (e fazemos), que somos de acordo com a forma como agimos e que atuamos de acordo com os sistemas sociais a que pertencemos, afetando e sendo afetados por eles, a Ontologia da Linguagem abre espaço para uma compreensão mais profunda do que se passa quando o ser humano cria, recupera, compartilha, utiliza e aplica informações e conhecimento.

Tanto para a Ontologia da Linguagem quanto para a Ciência da Informação, interessa a ampliação do entendimento do que se passa por traz do modo de agir

das pessoas.

## **7 | IMPACTO DA ONTOLOGIA DA LINGUAGEM NA GERAÇÃO DE PENSAMENTO CRÍTICO A RESPEITO DO PAPEL DOS PROFISSIONAIS E DOS USUÁRIOS DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

Enquanto a ciência moderna dos anos 60 trabalhava de forma neutra, isolada dos problemas do mundo, dando possibilidades para que as informações fossem transmitidas de maneira cada vez mais rápida, barata e com menos perdas; a ciência pós-moderna busca reencontrar as dimensões entre ciência e virtude, trazendo para dentro dela as implicações éticas, as consequências culturais e sociais das ações científicas (ARAÚJO, 2003).

Apoiado no pensamento de autores como Wersig (1975 e 1993) que apresenta a informação como conhecimento para ação e aponta para a possibilidade de diálogo entre a Ciência da Informação e as diversas teorias sociais capazes de contribuir para a discussão de questões complexas do campo, este artigo propõe uma análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação.

De acordo com Capurro e Hjørland (2007), a Ciência da Informação deve ser mais receptiva aos impactos sociais e culturais dos processos interpretativos e às diferenças qualitativas entre diferentes contextos e mídias. Anteriormente a isso, Wersig (1993) já colocava que a área só justifica sua existência se vier a beneficiar a humanidade. Mas de que forma isso acontece, se não por meio dos profissionais e dos usuários das unidades de informação?

Tal como postulado pela Ontologia da Linguagem: seres humanos são seres linguísticos; linguagem é ação e cria realidades; seres humanos se desenvolvem na linguagem e por meio dela. Conforme mencionado no item 4, a Ontologia da Linguagem tem como foco a “ação”. Ações são realizadas por pessoas, individualmente ou em grupo, mas sempre dentro de um contexto organizacional. No âmbito da Ciência da Informação, um contexto organizacional pode ser compreendido como, por exemplo, uma unidade de informação. Mas o que é um contexto organizacional? O que é uma organização?

Segundo Winograd e Flores (1988) organizações são redes de compromissos, onde ações são articuladas e realidades são criadas. Todo o processo de articular ações dentro de um contexto organizacional acontece por meio dos atos de fala presentes nas conversas, em outras palavras, por meio da linguagem. Considerando que os atos de fala presentes nas conversações correspondem ao núcleo de todo o processo de trabalho realizado nas organizações e que o principal papel do gestor está em cuidar da articulação e ativação de compromissos dentro da rede

organizacional, para atingir seus resultados, os líderes devem estar atentos aos esforços necessários para a geração e manutenção de redes de conversações efetivas dentro das organizações (WINOGRAD e FLORES, 1988; FLORES, 2015).

Em consequência do desenvolvimento epistemológico da Ciência da Informação, os indivíduos passaram de meros emissores e receptores passivos de informação a sujeitos – agentes ativos no processo informacional. Daí a importância do desenvolvimento de um pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. Dessa forma, embora este artigo não tenha como objetivo detalhar o universo de possibilidades relacionadas à dinâmica “linguagem e ação” trabalhado no âmbito da Ontologia da Linguagem, é possível a partir dos campos de estudo explorados pela área, chamar atenção para as possibilidades e necessidades de mudanças na forma de “compreender” e “lidar” com os profissionais e usuários das unidades de informação em tempos de dados abertos e massivos. Abaixo algumas provocações.

- No nível do “compreender”, a Ontologia da Linguagem eleva os profissionais e os usuários das unidades de informação ao papel de co-criadores das realidades nas quais encontram-se inseridos. Dão a eles o *status* de seres linguísticos e vê suas capacidades e competências conversacionais como capacidades e competências para atuar e interferir nas suas unidades de informação.
- No nível do “lidar”, ao investigar as dimensões constituintes que todos compartilhamos como seres humanos, a Ontologia da Linguagem aponta para a necessidade de considerar a relação entre os seres humanos, seus modelos mentais – história, biologia, linguagem, cultura (KOFMAN, 2002) – e o ambiente no qual estão inseridos. Estes são fatores que influenciam a forma como os profissionais e os usuários das unidades de informação atuam e, conseqüentemente, alcançam resultados.

Essas reflexões sobre possíveis formas de “compreender” e “lidar” com os profissionais e os usuários das unidades de informação encontram eco nos desafios contemporâneos da Ciência da Informação e abrem espaços para investigações relacionadas: ao que torna uma pessoa inteira (“plena”) na sua capacidade de agir e contribuir para o mundo – organizações, unidades informacionais etc.; ao que move as pessoas nas suas relações fundamentais para atingir resultados; ao que faz com que pessoas com tanto acesso à informação não as usem a favor de si próprias e da sociedade; e, ao como a Ciência da Informação do século XXI pode contribuir para a ação dos sujeitos no mundo e gerar benefícios para a humanidade.

## 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa debruçou-se em investigações de enfoque epistemológico sobre intersecções entre a Ontologia da Linguagem e a Ciência da Informação que contribuíssem para análise sobre o impacto da Ontologia da Linguagem na geração de pensamento crítico a respeito do papel dos profissionais e dos usuários das unidades de informação. Para assegurar a consistência das reflexões, recorreu-se a teóricos e estudiosos das duas áreas, como Rafael Echeverría, Fernando Flores (Ontologia da Linguagem), Rafael Capurro e Gernot Wersig (Ciência da Informação).

As referidas investigações não propuseram esgotar as complexidades inerentes aos assuntos abordados, mas delinear, com a história contada, os primórdios da linguagem humana, passando pela trajetória filosófica ocidental até a Filosofia da Linguagem (item 3), pela concepção da Ontologia da Linguagem (item 4) e pelo percurso epistemológico da Ciência da Informação (item 5). As considerações citadas no referencial teórico sistematizaram argumentos e pontos de contato entre as duas áreas que, adiante, autorizaram recuperar ponderações relativas ao que se passa por traz do modo de agir das pessoas (item 6). Na sequência, a percepção do indivíduo como agente ativo no processo informacional – que vive e atua em redes de compromissos – ancora uma análise que faz uso dos postulados e princípios da Ontologia da Linguagem e dos desafios e tendências contemporâneas da Ciência da Informação para chamar atenção para as possibilidades e necessidades de mudanças na forma de “compreender” e “lidar” com os profissionais e os usuários das unidades de informação (item 7).

Ao elevar os profissionais e os usuários ao *status* de seres linguísticos e ver suas capacidades e competências conversacionais como capacidades e competências para atuar e interferir nas suas unidades de informação, a partir dos seus modelos mentais e do ambiente em que estão inseridos, esta pesquisa contribui para situar a importância das conversas e suas consequências nas redes de compromissos que permeiam as unidades de informação. O que implica em investigações a respeito do que move e do que está por traz das dinâmicas conversacionais que movem as organizações.

Além de abrir espaço para novas investigações, essas reflexões fornecem insumos para o questionamento do papel dos profissionais e dos usuários como agentes ativos no processo informacional que impactam e são impactados pelo meio em que vivem. Também fornecem insumos para o desenvolvimento de alternativas de intervenção profissional nas unidades de informação, considerando as tendências atuais e perspectivas futuras da Ciência da Informação.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. Á. A ciência da informação como ciência social. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003.
- ARAÚJO, C. A. Á. Um mapa da ciência da informação: história, subáreas e paradigmas. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 47-73, 2018.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- BORKO, H. Information science: what is this? **American Documentation**, v. 19, p. 3-5, 1968.
- BROOKES, B. C. The foundation of Information Science. Part I. Philosophical Aspects. **Journal of Information Science**, n.2, p. 125-133, 1980.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, 2007.
- ECHEVERRÍA, R. **Ontologia del lenguaje**. 8ª Ed. Santiago de Chile: Dolmen Ediciones, 2003.
- FLORES, F. **Conversaciones para la acción. Inculcando una cultura de compromiso em nuestras relaciones de trabajo**. Bogotá: Lemoine Editores, 2015.
- GÓMEZ, M. N. G. O objeto de estudo da ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v.19, n.2, p. 117-122, 1990.
- GRACIOSO, L. S.; SALDANHA, G. S. **Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem**: da pragmática informacional à web pragmática. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.
- KAYE, D. The nature of information. **Library Review**, v. 44, n. 8, p.37-48, 1995.
- KOFMAN, F. **Metamanagement**: a nova consciência dos negócios (v. 1-3). São Paulo: Antakarana Cultura, Arte e Ciência, 2002.
- LEVY, P. **A esfera semântica**: Tomo I Computação, cognição, economia da informação. Tradução Daniel P.P. Costa. São Paulo: Annablume, 2014.
- ROBREDO, J. Filosofia da ciência da informação ou ciência da informação e filosofia?. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.), **Para entender a Ciência da Informação** (pp. 35-71). Salvador: EDUFBA, 2007.
- SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of Information Science. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995.
- SHANNON C. E.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.
- WERSIG, G.; NEVELING U. The phenomena of interest to information science. **Information Scientist**, v. 9, p. 127-140, 1975.
- WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.
- WINOGRAD, T.; FLORES, F. **Understanding computers and cognition**: A new foundation for design. Norwood, NJ: Ablex, 1988.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração pública 53, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121

Análise de discurso 122, 123, 138

### B

Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações 30, 33

Bibliotecário 32, 36, 39, 43, 47, 48, 49

Biblioteconomia 31, 35, 36, 43, 47, 49, 50, 92, 93, 145

Big data 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

### C

Cidadania 51, 54, 55, 57, 58, 62, 66, 69, 103, 154

Ciência da informação 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 50, 85, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Compartilhamento 2, 4, 7, 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 54, 55, 117, 129, 130, 134, 135, 140, 144, 147, 154

Consumo 3, 14, 122, 123, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 147, 156, 161

### D

Design thinking 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

### E

Estudo bibliométrico 30, 32

### F

Fake news 139, 140, 141, 142, 143, 145

Fãs 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 12, 13, 14

Felicidade 122, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Formação 2, 3, 19, 22, 38, 39, 43, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 59, 62, 66, 71, 93, 124, 129, 136, 147, 152, 154

### G

Gestão de arquivos 110, 112, 114, 117, 119, 120

Gestão do conhecimento 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 121

### I

Informação contábil 17, 18, 19, 23, 24, 25, 27, 28

Infraestrutura urbana 68

Inovação 15, 43, 45, 48, 49, 50, 120

Internet 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 16, 47, 64, 89, 90, 91, 93, 140, 142, 146, 147, 148, 149, 159

## J

João pessoa 15, 110, 112, 113, 114, 119

José Augusto “Sergipano” 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13

## L

Linguagem 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 124, 126, 129, 137, 138

## M

Mediação 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 138

Mediação cultural 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Memória 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 68, 69, 82, 83, 98, 103, 105

Mobilização social 68

## N

Netnografia 1, 2, 4, 7, 15

## O

ONGs 51, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 66

Ontologia 96, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Organizações 18, 19, 20, 21, 24, 26, 28, 51, 52, 54, 55, 57, 66, 71, 89, 92, 106, 107, 108, 110, 111, 117, 119, 120, 123, 127, 132, 133, 135, 148, 149, 155, 156, 158

## P

Pensamento crítico 23, 29, 96, 97, 106, 107, 108

Periferia 68

Pesquisa bibliográfica 17, 19, 33, 98

Produção científica 30, 32, 33, 41, 85, 90, 145

## R

Rede social 2, 57, 60, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83

Rio de Janeiro 14, 50, 51, 52, 58, 59, 64, 65, 67, 94, 95, 109, 121, 137, 138, 145

## S

Saúde 24, 54, 58, 71, 75, 131, 132, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 152, 159

## T

Tecnologias da informação 24, 26, 43, 110, 111, 112, 114, 119, 120

Teoria da complexidade 85, 90, 91

Teste kruskal-wallis 116, 117, 118

Teste não paramétrico 110, 113, 115, 116, 117, 118

Trabalho 3, 4, 13, 18, 31, 32, 37, 38, 40, 43, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 64, 66, 68, 71, 73, 75, 79, 81, 82, 85, 86, 88, 106, 111, 113, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 137, 138, 144, 148, 149

Transformação social 51, 57, 66, 152

Três carneiros 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 82, 83, 84



## U

Unidades de informação 96, 97, 106, 107, 108

Usuário 22, 26, 28, 157

## V

Vulnerabilidade social 51, 52, 59, 66

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**